



## **(Des)construindo narrativas: etnomídia indígena nas redes digitais**

**(Un)building narratives: indigenous ethnomedia on digital networks**

*Gisele Veríssimo da Silva\**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, RJ, Brasil.

ORCID: <http://orcid.org/0009-0009-0398-1741>

\*Autor correspondente: (verissimo18@outlook.com)

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo apresentar a comunicação realizada por povos originários, a partir de uma breve revisão de literatura e da aproximação a produções realizadas por indígenas. Neste caso, a mídia escolhida foi o *TikTok*, que propicia a popularização de assuntos antes negligenciados pela grande mídia e a ampliação do acesso aos conteúdos transmitidos pela oralidade e pelo audiovisual, contribuindo também para a manutenção da memória e narrativa dos povos originários. Assim, busca-se evidenciar a importância das produções realizadas por grupos nativos no âmbito comunicacional, que possibilita a ampliação do conhecimento sobre sua história e cultura, bem como a preservação da tradição, partindo da premissa do afastamento da visão de mundo eurocêntrica e discriminatória.

**Palavras-chave:** Etnomídia. Povos indígenas. TikTok. Comunicação.

**Abstract:** This article intends to present the natives' people communication, from a brief literature review and the approach to productions held by indigenous people. In this case, the chosen media was the TikTok, which allows the popularization of topics once neglected by the mass media and the wide access to contents transmitted by orality and audiovisual, also helping in the maintenance of memory and storytelling of native peoples. So, the text intends to highlight the importance of productions made by native groups in the communicational field, which allows the enlargement of the knowledge about their history and culture and the conservation of tradition, starting from the premise of the clearance of the eurocentric and discriminatory world perspective.

**Keywords:** Ethnomedia. Indigenous peoples. TikTok. Communication.

---

## 1. INTRODUÇÃO

A emergência das tecnologias digitais tem transformado profundamente a forma como as sociedades se comunicam e produzem conhecimento. A multiplicidade de plataformas e canais permite compartilhar informações e interagir com pessoas de diferentes origens culturais e geográficas. Isso resulta em um cenário em que múltiplas vozes podem ser ouvidas e diferentes perspectivas podem ser exploradas.

Desta forma, as redes sociais, os aplicativos, *blogs*, *podcasts* e canais de compartilhamento de conteúdo audiovisual permitem – a grupos antes marginalizados e subalternizados – a possibilidade de compartilhar suas experiências, bem como características do seu cotidiano e cultura. Isto impacta diretamente na descentralização da narrativa, desafiando os estereótipos e rompendo com a hierarquia de conhecimento eurocêntrica e colonial.

O texto surge de uma inquietação, presente desde minha primeira graduação - Licenciatura em História – acerca do escasso acesso a informações sobre a história e cultura indígena, bem como o questionamento a respeito da própria produção: quem faz e com qual objetivo? Desde os primeiros contatos entre os europeus e os povos originários, estes foram retratados de forma preconceituosa, o que se perpetuou por muitos anos e, até hoje, tem impactos na vida cotidiana desses grupos.

Assim, proponho-me a analisar a comunicação realizada por grupos colocados à margem da sociedade, especificamente os povos originários brasileiros, em uma tentativa de propagação de sua história e cultura por meio de vídeos no *TikTok*, que se destaca como uma plataforma versátil e acessível, permitindo a disseminação de conteúdos audiovisuais de maneira prática e ampla. Para isso, o conceito de “etnomídia” será abordado, além de suas implicações diretas na produção comunicacional.

Para responder à pergunta norteadora “Como as redes digitais contribuem para a ampliação do conhecimento sobre história e cultura indígena?”, a abordagem de pesquisa adotada neste texto foi a qualitativa que, segundo Prodanov e Freitas (2013), tem como base “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados” (2013, p. 70). O procedimento técnico abordado foi a pesquisa bibliográfica: após a delimitação do tema, iniciou-se o planejamento de estruturação deste trabalho e, posteriormente, realizei uma pesquisa em bancos de trabalhos como a Capes Periódicos.

Os trabalhos aqui referenciados foram escolhidos devido à pertinência para o debate proposto. As etapas seguintes foram o fichamento e análise dos textos e, posteriormente, a redação do trabalho. Além disso, foram mencionados três perfis de usuários que produzem conteúdo para a rede social escolhida neste estudo – o *TikTok*. A amostra foi selecionada considerando três critérios de relevância para o objeto de estudo: o alcance, o número de seguidores e o teor educativo dos conteúdos.

Para a compreensão da proposta, a discussão sobre o termo “Etnomídia” - forma de comunicação que tem o objetivo de atender às demandas específicas dos povos originários, segundo Demarchi e Gomes (2022, p. 7) - será necessária, bem como seu impacto no processo de democratização dos meios de comunicação e sua relação com a construção de identidade. A discussão teórica se debruça, então, sob esta definição, de acordo com Tupinambá (2016), Carneiro (2019) e Demarchi e Gomes (2022) e os conceitos de “representação/autorrepresentação”, sob o olhar de Gonçalves e Head (2009), Hall (2016) e Adichie (2019) bem como uma análise sobre a plataforma digital escolhida.

---

## 2. DAS REPRESENTAÇÕES À AUTORREPRESENTAÇÃO INDÍGENA

Em “O perigo de uma história única” (2019), a Chimamanda Ngozi Adichie conta que, durante a infância, escrevia sobre elementos da natureza e da vida cotidiana que nunca havia presenciado em seu país, dado o contato exclusivo com obras literárias norte-americanas e britânicas. Em outro momento, explica que, por estar “tão mergulhada na cobertura da mídia sobre os mexicanos” (p. 22), eles haviam se tornado uma coisa só em sua mente: o imigrante abjeto.

Chimamanda alerta, com estes e outros exemplos, para a produção de conhecimento acerca do outro, sobretudo por meio da linguagem, que é atravessada pelas relações de poder, não apenas contando a história de outrem, mas tornando-a definitiva (Ibidem., p.23). Ela afirma:

Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder do mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior que o outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder (2019, p. 22-23).

Dessa forma, questionam-se não apenas as ferramentas utilizadas para a produção de sentido, mas também a quem compete manipulá-las e com qual objetivo. Ao falar sobre Cultura e Representação, Stuart Hall evidencia a importância da linguagem para a construção de sentidos, ou seja, os significados produzidos por meio de signos ou símbolos sonoros, escritos e/ou visuais (2016, p. 18). Surge então, assim como na obra de Chimamanda, uma preocupação com a estereotipagem, conceito no qual se estabelece “uma conexão entre representação, diferença e poder” (2016, p. 193), para além de uma perspectiva exploratória e coercitiva, envolvendo o uso do poder simbólico no que chama de “regime de representação” (2016, p. 193).

Ainda relacionada às representações, Stuart Hall afirma que “uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (2006, p. 50). Nesse sentido, outro ponto levantado por Hall é de que, independentemente das diferenças raciais, de classe ou gênero, a ideia nacionalista busca estabelecer uma só cultura, a fim de formar uma grande família (Ibidem., p. 59), evidenciando-a como um dispositivo discursivo que opera sob a ótica do poder cultural (Ibid., p. 62).

Para Kaseker, Galassi e Ribeiro, a cultura “constitui um processo híbrido de significação social” (2022, p. 65) bem como as identidades, sendo ambas resultadas de processos histórico-sociais. A formação das identidades indígenas, historicamente, é produzida por transformações forçadas pelo Estado ou pela articulação de suas identidades políticas (Ibidem., p. 66). A partir do século XIX, a figura indígena foi submetida a representações ambíguas nos âmbitos literário e cultural brasileiro, que se apropriaram da figura dos povos originários para construir uma ideia de nação, que se distanciava dos moldes europeus nas perspectivas econômica, social, política e cultural após a Independência do país em 1822.

A historiadora Maria Regina Celestino de Almeida se refere a estas representações como “dualismos simplistas” (Almeida, 2010, p. 16), que ora os representava como guerreiros que foram derrotados pela ordem colonial, ora como o resultado de um processo de aculturação,

---

tendo sido submissos e dominados, reduzindo a algo tão simples um tópico extremamente complexo. Desta forma, o discurso utilizado pelos autores em suas obras tornou-se ferramenta para a consolidação desses ideais.

Na perspectiva literária, a figura indígena era representada sob a ótica da ingenuidade e da sensibilidade – sobretudo no período indianista do Romantismo, em que se destacam obras de autores como José de Alencar, Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias. Imerso em um contexto de conflitos ideológicos, este movimento literário expressa uma mudança no que diz respeito às representações dos povos originários na literatura, compondo “um processo político-econômico de integração do indígena, mas também de apagamento de sua identidade originária” (Barreto, 2016, p. 26), o que evidencia a função nacionalista à serviço do poder imperial.

Sob o olhar histórico, era baseada na ideia de que os indígenas eram selvagens sem alma. O nascimento do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – o IHGB – órgão oficial foi decisivo na formação desses ideais, à medida em que os intelectuais

Comungavam com essas ideias e contribuíam para fortalecê-las, construindo histórias nas quais os índios eram valorizados em períodos anteriores, enquanto desconsideravam os grupos coevos presentes e atuantes nas sociedades nas quais se inseriam. Razões políticas, ideológicas e socioeconômicas articulavam-se, portanto, na construção de discursos e imagens sobre os índios que contribuíam para lhes retirar o papel de sujeitos históricos (Almeida, 2012, p. 22).

Em sua análise sobre o processo de legitimação do nacionalismo, Stuart Hall afirma que a ideia de nação surge por meio dos discursos, que se tornam ferramentas para a ação de um grupo (Hall, 2016, p. 50). Sua base é o “mito fundacional”, ou seja, uma história que tem como objetivo construir uma identidade baseada nas origens, recorrendo ao passado de um país, baseando-se sob a ideia de um “*folk* puro, original” (Hall, 2016, p. 55), ou seja, os povos nativos de determinado local, que não teriam sofrido alterações na sua cultura advindos de uma influência externa.

Porém, a onda nacionalista vinda da Europa levou os povos originários “da invisibilidade ao protagonismo”. Assim, durante o século XIX, observou-se a tentativa de unificação nacional, por parte do Estado Imperial, estabelecendo a ideologia nacionalista como ferramenta pedagógica. Este esforço foi fundamentado pelas esferas literária e histórica da época, apropriando-se da figura indígena como a de “*folk* puro, original”, que constitui a base do mito fundacional, “uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo 'real', mas de um tempo “mítico” (Ibidem., p. 54-55).

Stuart Hall afirma ainda que raramente é este povo primordial que exercita o poder nas realidades de desenvolvimento nacional. Para o sociólogo, o discurso nacional não é tão moderno quanto aparenta ser, à medida em que “constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre passado e futuro” (Ibidem., p. 56). Assim, mais uma vez submetidos às dualidades, os povos indígenas foram representados de forma superficial, sob o olhar eurocêntrico: no âmbito da literatura romântica, os povos indígenas tinham uma imagem idealizada, calcada sobre a idealização do bom selvagem<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Para o pesquisador Joaquín Barriendos (2019), o mito ocidental do “bom selvagem” se refere aos índios convertidos que colaboram com o negócio imperial da Coroa. Dentre os “ingredientes”, estão a exploração transatlântica da força de trabalho indígena, a mercantilização da alteridade canibal, o colonialismo interno e a adoção imperial-paternalista das novas “terras firmes” (p. 45).

---

Do outro lado, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado com a missão de difundir a história gloriosa do país, para além de sistematizá-la, ficou responsável pela construção da chamada “história oficial” do país. Nesse contexto, um dos personagens mais emblemáticos foi Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, o chamado “pai da História do Brasil” (Guimarães, 2006, p. 55). O historiador “consolidou o abismo que iria prevalecer nos estudos sobre as populações indígenas até um período bem recente, circunscrevendo os índios a uma distante e nebulosa pré-história” (Monteiro, 2003, p. 132).

A figura indígena foi submetida à uma dicotomia, sendo taxada exclusivamente como boa ou má, sem uma profundidade de pesquisa e sem que fosse cedido, a eles mesmos, o direito da fala. Essas representações têm efeito até os dias atuais em um cenário de falta de visibilidade e de contato com o tema, e da hegemonia da uma perspectiva europeia.

Na Antropologia, a discussão sobre a representação do “outro” passa por um questionamento a partir dos anos 1980, colocando em voga os conceitos de representação/apresentação e o debate sobre o “empreendimento etnográfico clássico” (Cezar, 2014, p. 507). A etnografia, caracterizada por uma forma ingênua de “descrever e apresentar” costumes alheios (Gonçalves; Head, 2009, p. 15), não é imparcial. Como afirma Lilian Saggio Cezar, “nenhuma descrição está isenta de interpretação” (Cezar, 2014, p. 508).

Para problematizar uma percepção que não abordava a intersubjetividade e a pluralidade de perspectivas sobre um determinado grupo, os antropólogos buscaram incorporar o ponto de vista do ‘outro’ numa tentativa de não mais “representar um ‘objeto’, mas de apresentar uma relação entre sujeitos” (Gonçalves; Head, 2009, p. 18), o que alterou consideravelmente o conceito de etnografia (Ibidem., p. 15).

Assim, a ideia de autorrepresentação surge

como um modo legítimo de apresentar uma auto-imagem sobre si mesmo e sobre o mundo que evidencia um ponto de vista particular, aquele do objeto clássico da Antropologia que agora se vê na condição de sujeito produtor de um discurso sobre si próprio (Gonçalves; Head, 2009, p. 19).

Assim, há uma diferenciação das abordagens antropológicas moderna e pós-moderna: os pesquisadores não apenas “traduzem”, por meio da representação, os traços das culturas dos povos originários em um movimento de encaixe na cultura ocidental, mas, também, abrem espaço para que os personagens se tornem sujeitos ativos, fotografando-se, gravando-se e utilizando-se de outras ferramentas para formular seus pontos de vista e falar sobre si próprios (Gonçalves; Head, 2009, p. 20). Vejamos como isso aplica, no âmbito da comunicação, em um contexto digital.

### 3. ETNOMÍDIA

Segundo Galassi, Kaseker e Ribeiro (2002), as tentativas de registros e publicações próprias dos indígenas começaram apenas no fim do século XX (p. 64). Este movimento, nomeado pelos autores como o “giro decolonial”, está intrinsecamente ligado ao conceito de autorrepresentação, que “opera como uma política de identidades em luta” (Ibidem, p. 64). Os autores ressaltam que, já a partir dos anos 1970, as imagens dos indígenas tornaram-se mais complexas, sobretudo pela maior visibilidade de líderes indígenas como Mário Juruna, Ailton

---

Krenak, Marcos Terena, Davi Yanomami e Paulinho Kaiapó (Ibid., p. 76).

Para Pierre Lévy (1999), a chamada “inteligência coletiva” surge com a Cibercultura, elemento central na sociedade conectada, caracterizada pela interconexão entre indivíduos e a capacidade de compartilhar informações, conhecimentos e experiências por meio das redes digitais. Nesse sentido, um ponto importante é a influência das tecnologias digitais na construção de identidades, na comunicação e na organização social. Para o filósofo e sociólogo francês, “a World Wide Web é um gigantesco documento autorreferencial, onde se entrelaçam e dialogam uma multiplicidade de pontos de vista” (1999, p. 207).

Assim, a variedade de canais midiáticos on-line possibilita a grupos antes silenciados a abordagem de sua história e cultura de modo amplo e profundo, em contraponto ao viés eurocêntrico e hegemônico previamente estabelecido. Nesse sentido, a produção feita por estes grupos configura uma mudança no paradigma midiático, abrindo espaço para a democratização do uso do ciberespaço. Para Torquato (2021), “ser capaz de produzir conteúdo, reivindicando o protagonismo de suas narrativas é também uma forma de existir socialmente, rompendo o silenciamento naturalizado pela normatividade hegemônica” (p.4).

Demarchi e Gomes (2022) enfatizam que a etnomídia se caracteriza como uma “ferramenta na produção de contranarrativas” (p. 13) contrapondo-se a discursos hegemônicos e à visão colonial que permanece na sociedade. Os autores ressaltam, também, que a apropriação dos mais variados meios de comunicação por povos originários - incluindo dinâmicas sonoras, de discurso e imagéticas são formas de resistência e propõe o reconhecimento de sua história e cultura, antes silenciadas e ignoradas (Ibidem., p. 13).

A produção comunicacional nativa, é realizada por meio da autorrepresentação, por grupos que possuem menos visibilidade midiática, o que caracteriza a construção do lugar de fala destes grupos nas redes digitais (Demarchi e Gomes, 2022, p. 12). Segundo a jornalista e especialista em etnomídia Renata Machado Tupinambá,

Etnomídia é uma ferramenta de empoderamento cultural e étnico, por meio da convergência de várias mídias dentro de uma visão etno. Por isso o uso deste prefixo. Ela é uma forma que promove a descolonização dos meios de comunicação, podendo ser executada por diferentes identidades étnicas e culturais. A apropriação dos meios de comunicar tornou possível aos povos serem seus próprios interlocutores (Tupinambá, 2016).

Uma das primeiras iniciativas nesta área é o “Vídeo Nas Aldeias”. Criado em 1986, o VNA surgiu no interior das atividades da Organização Não Governamental Centro de Trabalho Indigenista e tem como finalidade “apoiar as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais, por meio de recursos audiovisuais e de uma produção compartilhada com os povos indígenas com os quais o VNA trabalha”<sup>2</sup>.

O *Vídeo Nas Aldeias* atua na formação de alunos, nas aldeias indígenas, por meio de treinamentos e oficinas de capacitação; na produção, realizada na sede em Olinda (PE), e na divulgação, distribuindo os filmes em diversos canais de mídia, como Centros Culturais, Museus, Universidades e Festivais nacionais e internacionais para indígenas e não-indígenas

---

<sup>2</sup> Vídeo nas Aldeias - Apresentação. Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php?p=1>. Acesso em: 25 Junho de 2023.

---

O VNA já produziu mais de 3.000 horas de imagens de 40 povos originários brasileiros e uma coleção de mais de 70 vídeos, falados na língua original com versão em português e a maioria deles possui também uma versão em Inglês e Espanhol<sup>3</sup>.

Em entrevista à pesquisadora Fernanda Silva (2014), o cineasta indígena Xavante Divino Tserewahú Tsereptse conta que sua história com o Vídeo nas Aldeias se iniciou em 1988, quando um ritual de iniciação masculina deste grupo foi gravado com o objetivo de registrar detalhes, caso os anciãos não sobrevivessem até o próximo, tendo sido este o primeiro contato de outros realizados com os Xavantes (Silva, 2014, p. 407-408). Divino afirma também que o trabalho com o VNA possibilitou seus estudos de técnicas de cinema em países como Cuba, Espanha e França (Ibidem., p. 209). Segundo Divino Tserewahú, o contraponto entre as produções feitas por um cineasta indígena e por não indígenas está na perspectiva:

Eu vejo que existe um olhar não indígena e um olhar indígena. Isso faz parte de cada um. Nos documentários de cineastas não indígenas, por exemplo, eles fazem os filmes como pesquisadores que são de fora dos lugares que filmam. Agora, eu como cineasta indígena tenho o meu olhar e isso é diferente porque é o olhar de quem é de dentro do lugar. Minha visão é assim: se eu estou contando da minha cultura está certo, não imaginado. (Silva, 2014, p. 417).

O *Vídeo nas Aldeias* é conhecido nacional e internacionalmente. A iniciativa já recebeu diversos prêmios que reafirmam a originalidade e a importância sociocultural do projeto, dentre eles o prêmio em homenagem no 25º Festival Internacional *du Film D'amiens*, na França, em 2005; dois prêmios UNESCO (em 2000, por respeito à diversidade cultural e de busca de relações de paz interétnica e em 2005, pela contribuição à preservação do patrimônio imaterial; o prêmio em reconhecimento no VIII Festival Internacional *De Cine I Video de Los Pueblos Indígenas*, no México, em 2006 e a Ordem do Mérito Cultural 2009 do governo do Brasil<sup>4</sup>.

Outro veículo de comunicação pensado e realizado por indígenas é a Rádio Yandê. A *webrádio* foi criada em 2013 por Anápuáka Muniz Tupinambá Hã-hã-hãe, Denilson Baniwa e a jornalista Renata Machado Tupinambá, já mencionada neste trabalho. A inspiração surgiu a partir do “Programa de Índio”<sup>5</sup> que, segundo Anápuáka Muniz (Itaú Cultural, 2019), foi o precursor da Etnomídia Indígena. Raquel Gomes Carneiro afirma que a rádio é “produzida e veiculada exclusivamente por sujeitos comunicacionais indígenas” (2019, p. 15).

Desde sua fundação, a Yandê é financiada exclusivamente pelos fundadores e não recebe verba pública para a manutenção e permanência da rádio. Segundo Carneiro (2019, p.163), a Yandê enfrenta dois grandes desafios: a dificuldade econômica, consequência da falta de apoio financeiro, e a questão publicitária, já que a *webrádio* se propõe a desprender-se de uma programação consumida por anúncios, sobretudo os que incentivam, dentre outras práticas,

---

<sup>3</sup> Vídeo nas Aldeias - Realização. Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php?p=2>. Acesso em 28 Junho 2023.

<sup>4</sup> In: RECONHECIMENTO. Vídeo nas Aldeias. Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php?p=3>. Acesso em 12 Abr. 2024.

<sup>5</sup> O programa radiofônico semanal foi realizado entre os anos de 1985 e 1991 pelo Núcleo de Cultura Indígena e veiculado pela Rádio USP. Apresentados por Ailton Krenak, Álvaro Tukano e outras lideranças indígenas. Em 2009, um site de mesmo nome foi criado, com o objetivo de disponibilizar as quase 200 gravações. In: IKORE. Programa de Índio. História. Disponível em: <http://ikore.com.br/programa-de-indio/>. Acesso em 27 Mar. 2024.

---

o desrespeito à sustentabilidade e à pluralidade das populações indígenas. Assim, propõe-se também a ideia de publicidade etnomidiática (Ibidem., p. 163).

Por meio das redes e da etnomídia indígena, a Yandê

procura fomentar uma proposta de comunicação popular alter/nativa liberta de paradigmas estrangeiros e entraves coloniais. Ao se apropriar e utilizar de meios comunicacionais, digitais e tecnológicos por sujeitos exclusivamente indígenas para a produção de suas próprias narrativas multimidiáticas, ocorre a luta pela liberdade de expressão, o direito à informação produzida e veiculada por e para indígenas e não-indígenas, direitos instituídos por leis, decretos e regulamentações de um Estado que insiste em desrespeitá-los (Carneiro, 2019, p. 16).

A Yandê, “rádio de todos nós”, tem como objetivo final, ao dar voz aos povos originários, colocá-los em uma posição de protagonismo de sua própria história, tornando-se os sujeitos de suas próprias vidas. Nesse sentido, a oralidade tem um papel essencial, como explica Renata Tupinambá: “Os povos [indígenas] são orais e como nem todos dominam língua escrita, oralidade sempre foi a principal forma de comunicação” (Tupinambá, 2021).

Para Demarchi e Gomes (2022), a Rádio “contribui para a construção de contranarrativas, uma vez que são discutidas temáticas que em sua grande maioria não têm a mesma visibilidade nas mídias tradicionais” (2002, p. 8). No site da rádio, podem ser encontrados diversos conteúdos voltados aos direitos, saberes e conhecimentos dos povos originários, bem como notícias e artigos que evidenciam a movimentação e produção indígenas na *web*.

O processo de produção etnomidiática realizado pelos sujeitos comunicacionais indígenas permite ampliar o exercício dos direitos em uma perspectiva cidadã por meio das narrativas e sonoridades (Carneiro, 2019, p. 102). Para além dos esforços de apenas “manter” a memória ancestral, a etnomídia indígena também elabora novos modos de existência, compreendendo passado, presente e futuro (Ibidem., p. 170).

Como já mencionado, a pluralidade de canais e o acesso à mídia possibilitado pela cibercultura permite uma espécie de “democratização da fala”, ou seja, dá voz àqueles que foram marginalizados e silenciados pela grande mídia. Assim, as plataformas e dispositivos digitais são utilizados “como espaços de denúncias e estabelecimento de pontes com potencial de alcance para audiências mais amplas” (Almeida, Canavarro, Gonçalves, 2022, p.2).

Sabe-se que a Internet não pode ser considerada um paraíso da comunicação: para além dos algoritmos, que limitam os alcances das mensagens, a manipulação da liberdade, a exclusão das redes caracterizada pela falta de acesso e o processo de geração de conhecimento são apontados por Manuel Castells como desafios no mundo conectado (2001, p. 278-279). Porém, como o sociólogo afirma,

A Internet é mais que um mero instrumento útil a ser usado porque está lá. Ela se ajusta às características básicas do tipo de movimento social que está surgindo na Era da Informação. E como encontraram nela seu meio apropriado de organização, esses movimentos abriram e desenvolveram novas avenidas de troca social, que, por sua vez, aumentaram o papel da Internet como sua mídia privilegiada (Castells, 2001, p. 144).



---

Assim, neste artigo, pretende-se analisar de que maneira a internet possibilitou o alcance a informações sobre grupos antes marginalizados pela sociedade, bem como a quebra, de certa maneira, do monopólio de um discurso eurocêntrico e estereotipado. Na próxima seção, veremos como isso se aplica a partir do *TikTok*.

A rede social foi escolhida, neste trabalho, por priorizar conteúdos exclusivamente audiovisuais, diferente do *Facebook* e do *Twitter* – que favorecem conteúdos textuais – ou do *Instagram*, que inicialmente privilegiava imagens estáticas. Além disso, a plataforma de vídeos curtos teve um crescimento histórico: segundo o *Semrush*<sup>6</sup>, o *TikTok* alcançou, em menos de quatro anos, um terço dos usuários de redes sociais do mundo, com quase 3 bilhões de *downloads*<sup>7</sup>. Outros fatores que motivaram a escolha da rede foi o da facilidade de acesso e manuseio. Com uma interface simples, o usuário só precisa criar ou entrar com uma conta pré-existente e “arrastar” a tela para assistir os vídeos. Por isso, o *TikTok* pode ser considerado um dos canais para a propagação de etnomídia na atualidade.

#### 4. TIKTOK: UMA PLATAFORMA APROPRIADA PELA ETNOMÍDIA

Lançado em 2017 pela empresa de tecnologia chinesa ByteDance, o *TikTok* se caracteriza como uma rede social de vídeos curtos disponível para os sistemas operacionais Android e iOS. Segundo as Diretrizes da Comunidade, disponíveis no site da plataforma, o objetivo é

encorajar a imaginação humana, permitindo a expressão criativa e sendo uma fonte de entretenimento e enriquecimento em todos os lugares. Acolhemos pessoas do mundo todo que vêm ao TikTok para descobrir uma variedade de ideias, criadores e produtos e para estabelecer conexões com outras pessoas de nossa comunidade<sup>8</sup>.

Advindo de outros aplicativos de dublagem de áudio e músicas, o aplicativo permite também a edição de vídeos e ficou conhecido como o aplicativo “das dancinhas”, onde coreografias tornam-se virais, colaborando para o maior alcance e visibilidade do conteúdo. Segundo matéria do Exame, “o Brasil tem 82,2 milhões de usuários com 18 anos ou mais, número que é inferior apenas ao dos Estados Unidos (113,3 milhões) e ao da Indonésia (109,9 milhões)”<sup>9</sup>.

Assim, a plataforma possibilitou a disseminação da “perspectiva de grupos e indivíduos indígenas sobre uma miríade de temas como a valorização da cultura indígena – música, culi-

---

<sup>6</sup> Semrush é uma plataforma de análise de métricas on-line, como pesquisas de palavras-chave e SEO (Search Engine Optimization), pesquisa de concorrentes, dentre outros dados.

<sup>7</sup> In: CASAGRANDE, Erich. Principais estatísticas do TikTok: dados sobre usuários, crescimento e mais em 2022. Semrush blog, 28 de novembro de 2022. Canais/Redes Sociais. Disponível em: <https://pt.semrush.com/blog/estatisticas-tiktok/>. Acesso em 07 abr. 2024.

<sup>8</sup> DIRETRIZES da Comunidade do TikTok. In: <https://www.tiktok.com/community-guidelines/pt-br/>. Acesso em 16 Ago. 2023.

<sup>9</sup> EXAME. Ranking mostra quantos brasileiros estão no TikTok em 2023. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/ranking-mostra-quantos-brasileiros-estao-no-tiktok-em-2023/>. 08 de Abril de 2023. Acesso em 17 Ago. 2023.

---

nária, vestimentas, rituais –, a aproximação com outras causas ou movimentos” (Almeida, Canavarro, Gonçalves, 2022, p.3). Como exemplo, de acordo com o site do aplicativo<sup>10</sup>, a hashtag #PovosIndígenas somava 93 milhões de visualizações em agosto de 2022, número que tende a aumentar devido ao surgimento de mais criadores de conteúdo que abordam o cotidiano, tradições e lutas dos grupos originários.

No próximo tópico, veremos como isso se aplica a partir da menção de três perfis de sujeitos comunicacionais indígenas que produzem vídeos para a plataforma. O perfil de Kauri Waiãpi foi escolhido devido ao seu alcance e ao número de seguidores (2,8 milhões)<sup>11</sup>. Já os perfis de Cristian Wari’u e We’e’ena Tikuna foram escolhidos pelo teor educativo de seus vídeos, que ensinam sobre a história e cultura de seus respectivos grupos.

## 5. PERFIS NA PLATAFORMA

### 5.1. Kauri Waiãpi, @odaldeia

Com 2,8 milhões de seguidores e 34,6 milhões de curtidas, o influenciador digital de 28 anos Kauri Waiãpi é estudante na Universidade Federal do Amapá, onde cursa licenciatura Intercultural Indígena, e reside na Terra Indígena Wajãpi. Kauri também é comunicador da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB).

Os vídeos de Kauri são publicados na plataforma desde 2020 e caracterizados pelo senso de humor e pela desmistificação da cultura indígena e versam, principalmente, sobre aspectos do cotidiano na aldeia, como receitas e ritos. Além disso, ele responde a comentários dos seguidores, muitas vezes utilizando-se de ironia.

O uso desta figura de linguagem pode ser observado em vídeos-respostas às perguntas, como “Você mora no Brasil?”, “Por que você fala Português?” e “Índio não trabalha, como vocês conseguem dinheiro?”. Quando questionado sobre “como os indígenas carregam celulares na aldeia”, o influenciador responde “é só encostar o celular no poraquê, ou peixe elétrico”. Em entrevista para o site “Consumidor Moderno”<sup>12</sup>, Kauri explica:

Eu vi que respondendo de forma engraçada a galera gostou e dava muito engajamento, então agora eu só respondo com humor e brincando. Até porque a galera faz pergunta sem noção, então para mim, a melhor forma de responder esse tipo de pergunta é com ironia e humor (2023).

A família de Kauri também participa da gravação dos vídeos. Em um deles, o influenciador mostra um ritual de iniciação de guerreiros, no qual são colocados animais como escorpiões e formigas sob os corpos de crianças. O vídeo, publicado em 04 de julho de 2023,

---

<sup>10</sup> TIK TOK. Dia Internacional dos Povos Indígenas: Criadores do TikTok para você conhecer e se inspirar. In: <https://newsroom.tiktok.com/pt-br/dia-internacional-dos-povos-indigenas>. 09 de Agosto de 2022. Acesso em 16 Ago. 2023.

<sup>11</sup> Os números mencionados neste artigo são referentes à consulta realizada em 09 de outubro de 2023.

<sup>12</sup> DELGADO, Cecilia. Consumidor Moderno. <https://www.consumidormoderno.com.br/2023/02/06/kauri-daldeia-influencer/>. 06 de Fevereiro de 2023. Acesso em: 17 Ago. 2023.

---

tem mais de 252 mil visualizações. Sua esposa, Romana Waiãpi, também tem perfis nas redes sociais e seus vídeos têm o mesmo modelo: o conhecimento por meio do bom humor. Só no TikTok, Romana possui 1,7 milhões de seguidores.

## 5.2. Cristian Wari'u, @cristianwariu

Cristian Wariu Tseremey'wa é um influenciador digital indígena de 22 anos de idade. Nascido no Mato Grosso, o filho de líderes indígenas xavante soma mais de 114,8 mil seguidores no TikTok e 1,7 milhões de curtidas. O videomaker e podcaster tem também números expressivos no YouTube: são mais de 25 mil inscritos.

De acordo com a Revista Trip<sup>13</sup>, do canal Uol, Cristian foi considerado pelas lideranças indígenas um “guerreiro digital”. Quando questionado sobre o termo “tiktokker indígena” e sobre o início da produção de vídeos para a plataforma, Cristian afirmou:

A ideia de entrar nessa rede veio da vontade de alcançar cada vez mais pessoas, muitos jovens estão ali e querem realmente entender. Eu acredito que é um passo muito efetivo para o futuro da questão indígena ensinar essa geração mais nova, que estará futuramente em cargos de influência, quem somos nós verdadeiramente e por que é importante quebrar esses preconceitos. Por ser jovem, consigo conversar com esse público, que às vezes é meio difícil de lidar (2020).

O conteúdo produzido por Cristian também tem a proposta de desmistificar preconceitos e estereótipos acerca dos povos originários. Outro ponto importante levantado na entrevista diz respeito à ocupação dos meios de comunicação pelos indígenas. Para o comunicador, a desinformação acontece porque não são os povos indígenas que falam. Segundo ele,

Em toda a história do Brasil, nós não tivemos representatividade e somos vistos de forma estereotipada. A gente precisa falar da nossa própria vivência, desmistificar preconceitos e recontar quem verdadeiramente somos. É importante também lembrar que não somos um único povo, somos 300 povos divididos em um território continental. O ideal é que exista um representante de cada povo pra falar sobre a sua vivência. E é isso que buscamos (2020).

Diferente de Kauri e Romana, as publicações de Cristian não têm um forte teor de humor, mas são caracterizadas como pequenas aulas. Em um de seus vídeos mais recentes, produzido para a ocasião do dia dos pais, Cristian fala sobre como é o processo de escolha dos nomes dos filhos entre os Xavantes e se há distinções e/ou similaridades com a cultura não-indígena. O vídeo tem mais de 3.100 visualizações.

---

<sup>13</sup> FONSECA, Dandara. Revista Trip, Uol. Cristian Wariu: Um guerreiro indígena do século XXI. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/cristian-wariu-um-guerreiro-indigena-do-seculo-xxi>. 17 de Outubro de 2020. Acesso em: 17 Ago. 2023.

---

### 5.3 We'e'ena Tikuna, @weenatikuna

“A onça que nada para o outro lado no rio”. Este é o significado do nome da artista Amazonense que tem 515,8 mil seguidores e 4,5 milhões de curtidas no *TikTok*. A cantora, artista plástica e nutricionista assina também “a primeira grife de moda genuinamente indígena do Brasil”<sup>14</sup>.

Em entrevista a Marie Claire, We'e'ena afirmou: “Hoje a internet se transformou numa arma muito forte para todos nós indígenas. Antigamente podíamos falar, mas não mostrar. E agora com a internet e celular podemos gravar o que está acontecendo” (2023).

Assim como Cristian, os vídeos de We'e'ena são voltados para a função educativa. Em seu perfil, a influenciadora compartilha diversas músicas em sua língua materna e curiosidades acerca desta, bem como informações sobre alimentação, vestimentas e costumes religiosos. Em uma série de três vídeos publicados em abril de 2022, We'e'ena compartilha um rito de batismo de sua filha, l'étünã Tikuna, realizado através da pintura sagrada com jenipapo. As três publicações somam mais de 35.600.000 visualizações.

Esses são apenas alguns exemplos de produtores de conteúdo indígenas que, ao compartilhar suas vivências em terras indígenas em diferentes localizações, colaboram para o alcance da chamada “etnomídia” a um público que, pela grande mídia, não teria amplo acesso a essas informações. Em maior ou menor alcance, outros canais também têm atuação na plataforma, como Xohahi Pataxo (@xohahi\_pataxo), Anderson Guara (@guaranizinho), Samela Sateré Mawé (@sam\_sateremawe), Ysani (@ysani\_), Kaê Guajajara (kaeguajajara) e Alice Pataxó (alice\_pataxo), dentre muitos outros.

## 6. CONCLUSÕES

Este trabalho buscou abordar o conceito de etnomídia. Para isso, foram considerados essenciais para a compreensão dos processos histórico-sociais as obras “Confabulações da alteridade: Imagens dos outros (e) de si mesmos” de Gonçalves e Head (2009), do sociólogo jamaicano Stuart Hall “A identidade cultural na pós-modernidade” (2006) e “Cultura e Representação” (2016), além da obra de Chimamanda Ngozi Adichie “O perigo de uma história única” (2019).

No segundo tópico deste artigo, observo como estas noções são basilares na História à medida em que, desde o início da chamada “historiografia oficial”, os povos originários têm suas figuras descritas como subalternas, marginalizadas e foram, quando não apagadas, representadas de forma equivocada, caindo na dualidade bom x mau.

No terceiro tópico, o conceito de etnomídia é analisado mais a fundo, tendo como ponto de partida a ideia de que a *cibercultura* permitiu uma pluralidade das vozes nos canais midiáticos, possibilitando a autorrepresentação dos povos originários. As reflexões da jornalista Renata Machado Tupinambá (2016, 2018 e 2021) foram essenciais para compreender como

---

<sup>14</sup> LIU, Bruna. Marie Claire. Globo. 'Saí da aldeia onde cresci para ocupar espaço por meio da arte e defender o povo indígena Tikuna'. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/retratos/noticia/2023/08/sai-da-aldeia-onde-cresci-para-ocupar-espaco-por-meio-da-arte-e-defender-o-povo-indigena-tikuna.ghtml>. 03 de Agosto de 2023. Acesso em: 17 Ago. 2023.

---

essa produção pode colaborar para o espalhar o conhecimento sobre a história e cultura indígena em uma perspectiva decolonial. Nesse sentido, foram mencionados dois canais pioneiros em etnomídia: o Vídeo Nas Aldeias, criado em 1986, e a Rádio Yandê, criada em 2013.

Outro ponto importante, debatido no quarto tópico, é a ideia de que o *TikTok* - canal escolhido como objeto neste artigo – colabora para a preservação da pluralidade linguística e cultural dos povos originários, bem como permitem a documentação da memória oral que vai de encontro à óptica colonial estabelecida. Para exemplificar este fato, foram utilizados como objetos de análise os perfis dos influenciadores Kauri Waiãpi, Cristian Wari’u e We’e’ena Tikuna.

Ao destacar a influência da etnomídia no fortalecimento das identidades indígenas e na preservação de seus conhecimentos ancestrais, esse estudo buscou promover a descolonização do pensamento histórico e o reconhecimento da diversidade cultural e contribuir para a promoção de uma sociedade mais inclusiva, na qual as vozes indígenas são ouvidas, permitindo uma compreensão mais abrangente da história e da cultura dos povos originários e sua relevância para a sociedade como um todo. Conclui-se, então, que as produções feitas pelos sujeitos comunicacionais indígenas, como menciona Carneiro (2019), têm o papel fundamental de desconstruir estereótipos e pré-conceitos, contribuindo também para a promoção dos princípios básicos da cidadania dos povos originários e para a valorização de sua história e cultura.

## 7. REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1ª Ed. São Paulo, 2019.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **“Os índios na História do Brasil”**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

\_\_\_\_\_. “Os índios na História do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo”. In: **Revista História Hoje**, v. 1, n° 2, p. 21-39. Niterói: Departamento de História, UFF. 2012.

ALMEIDA, Sabrina; CANAVARRO, Marcela; GONÇALVES, Danielle. **Povos e lideranças indígenas na disputa dos espaços de poder: uma análise longitudinal e multiplataforma do ativismo digital indígena no Brasil**. ANPOCS, 2022.

BARRETO, Marcos Rodrigues. Índios de Papel –Construção discursiva colonizadora sobre o indígena no Brasil. *Brasiliana*, **Journal for Brazilian Studies**. Vol. 5, n.1, p. 9-32, 2016.

BARRIENDOS, Joaquín. A colonialidade do ver: rumo a um novo diálogo visual interepistêmico. **Epistemologias do Sul**, v.3, n. 1, p. 38-56, 2019.

CARNEIRO, Raquel Gomes. Sujeitos comunicacionais indígenas e processos etnocomunicacionais: a etnomídia cidadã da Rádio Yandê. **Dissertação** (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2019.

---

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CEZAR, Lilian Sagio. O estatuto da fotografia e a pesquisa etnográfica: direito de uso de imagem e representação autorizada. In: FERRAZ, Ana Lúcia Camargo; MENDONÇA, João Martinho de. (Orgs.). **Antropologia visual: perspectivas de ensino e pesquisa**. Brasília-DF: ABA, 2014. pp. 505-532.

DELGADO, Cecília. **Consumidor Moderno**. <https://www.consumidormoderno.com.br/2023/02/06/kauri-daldeia-influencer/>. 06 de Fevereiro de 2023. Acesso em: 17 Ago. 2023.

DEMARCHI, André Luis Campanha; GOMES, Débora dos Santos. Etnomídia: contra-narrativas indígenas nas redes digitais. **Extraprensa**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 5 – 23, jul./dez. 2022. pp. 5-23.

**DIRETRIZES da Comunidade do TikTok**. Disponível em: <https://www.tiktok.com/community-guidelines/pt-br/>. Março de 2023. Acesso em 16 Ago. 2023.

EXAME. **Ranking mostra quantos brasileiros estão no TikTok em 2023**. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/ranking-mostra-quantos-brasileiros-estao-no-tiktok-em-2023/>. 08 de Abril de 2023. Acesso em 17 Ago. 2023.

FONSECA, Dandara. Revista Trip, Uol. Cristian Wariu: **Um guerreiro indígena do século XXI**. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/cristian-wariu-um-guerreiro-indigena-do-seculo-xxi>. 17 de Outubro de 2020. Acesso em: 17 Ago. 2023.

GALASSI, Adriana Nakamura; KASEKER, Monica; RIBEIRO, Lucas Fernando. Autorrepresentação indígena como política de identidades em luta. **Revista Mídia e Cotidiano (UFF)**. Artigo Seção Temática. Volume 16, Número 2, maio-ago de 2022. pp. 63-86.

GONÇALVES, Marco Antonio; HEAD, Scott. Confabulações da alteridade: Imagens dos outros (e) de si mesmos. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. Pp. 15-35.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. “A paternidade do passado”. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Ano 1, nº 8. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2006. Pp. 55-59.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio: Apicuri, 2016.

\_\_\_\_\_. Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

---

IKORE. **Programa de Índio**. História. Disponível em: <http://ikore.com.br/programa-de-indio/>. Acesso em 27 Mar. 2024.

ITAÚ Cultural. Anápuáka Tupinambá – Culturas indígenas (2017) – parte 2/2. YouTube. 25 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KkWZx9cx0J4>. Acesso em 27 Mar. 2024.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1ª Ed. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIU, Bruna. Marie Claire. Globo. **'Saí da aldeia onde cresci para ocupar espaço por meio da arte e defender o povo indígena Tikuna'**. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/retratos/noticia/2023/08/sai-da-aldeia-onde-cresci-para-ocupar-espaco-por-meio-da-arte-e-defender-o-povo-indigena-tikuna.ghtml>. 03 de Agosto de 2023. Acesso em: 17 Ago. 2023.

MONTEIRO, John Manuel. “Unidade, diversidade e invenção dos índios: entre Gabriel de Sousa e Francisco Adolfo de Varnhagen.” In: **Revista de História**, nº 149. 2ª ed. São Paulo, 2003. Pp. 109-137.

ODALDEIA. TikTok. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@odaldeia>. Acesso em 17 Ago. 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª Edição. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

**QUEM são**. FUNAI. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/quem-sao>. Acesso em 02 de Julho de 2023.

**RÁDIO Yandê**. Disponível em: <https://radioyande.com/>. Acesso em 17 Ago. 2023.

SILVA, Fernanda. O filme é como um livro, uma memória que nunca acaba: entrevista com Divino Tserewahú. In: FERRAZ, Ana Lúcia Camargo; MENDONÇA, João Martinho de. (Orgs.). **Antropologia visual: perspectivas de ensino e pesquisa**. Brasília-DF: ABA, 2014. pp. 407-437.

**RECONHECIMENTO**. Vídeo nas Aldeias. Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php?p=3>. Acesso em 12 Abr. 2024.

TIK TOK. **Dia Internacional dos Povos Indígenas: Criadores do TikTok para você conhecer e se inspirar**. In: <https://newsroom.tiktok.com/pt-br/dia-internacional-dos-povos-indigenas>. Acesso em 16 Ago. 2023.

TORQUATO, Chalini. Minorias, lugar de fala e direito à comunicação na mídia: entre o ativismo pela cidadania e a mercadorização de pautas sociais. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 52, p. 1-20, 2021.

TUPINAMBÁ, Renata Machado. **Etnomídia, uma ferramenta para a comunicação dos povos originários. Brasil de Fato, 11 de agosto de 2016.** Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2016/08/11/etnomidia-por-uma-comunicacao-dos-povos-originarios>. Acesso em 19 de junho de 2023.

\_\_\_\_\_. **“Eu quero ligar a TV e ter ali um conteúdo produzido por indígenas”.** Entrevista concedida a Isadora Fávero, Giovanna Marra e Maria Carolina Botinhon. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2018. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org.br/pt/%E2%80%9CEu\\_quero\\_ligar\\_a\\_TV\\_e\\_ter\\_ali\\_um\\_conte%C3%BAdo\\_produzido\\_por\\_ind%C3%ADgenas%E2%80%9D](https://pib.socioambiental.org.br/pt/%E2%80%9CEu_quero_ligar_a_TV_e_ter_ali_um_conte%C3%BAdo_produzido_por_ind%C3%ADgenas%E2%80%9D) . Acesso em: 30 de Junho de 2023.

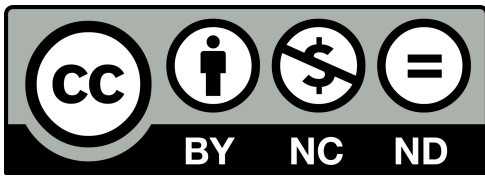
\_\_\_\_\_. **Rádio Yandé, um “etnomídia” pelo “protagonismo indígena”.** [Entrevista concedida a] Carolina Franco. Shifter, 09 de Agosto de 2021. Disponível em: <https://shifter.pt/2021/08/radio-yande-pelo-protagonismo-indigena/>. Acesso em 30 de Junho de 2023.

**VÍDEO nas Aldeias.** Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php?p=1>. Acesso em: 25 Junho de 2023.

WARI’U, Cristian. **TikTok.** Disponível em: <https://www.tiktok.com/@cristianwariu>. Acesso em 17 Ago. 2023.

WE’E’ENA Tikuna. **TikTok.** Disponível em: <https://www.tiktok.com/@weenatikuna>. Acesso em 17 Ago. 2023.





A Revista de Comunicação Dialógica (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

**Link:** <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

*Recebido em: 19/11/2023*

*Aprovado em: 16/04/2024*